

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA

GISLAINE BERETTA

**AS FACETAS DO TRABALHO FEMININO E A QUESTÃO DE GÊNERO:
AS TRABALHADORAS DAS OLARIAS DE MORRO DA FUMAÇA**

CRICIÚMA

2013

GISLAINE BERETTA

**AS FACETAS DO TRABALHO FEMININO E A QUESTÃO DE GÊNERO:
AS TRABALHADORAS DAS OLARIAS DE MORRO DA FUMAÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em História.

Orientador: Prof. João Henrique Zanelatto

CRICIÚMA

2013

GISLAINE BERETTA

**AS FACETAS DO TRABALHO FEMININO E A QUESTÃO DE GÊNERO:
AS TRABALHADORAS DAS OLARIAS DE MORRO DA FUMAÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para a obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em História.

Criciúma, 10 de dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Dr. João Henrique Zanelatto
Professor Orientador

Dra. Giovana I. Jacinto Salvaro
Professor Examinador

Dr. Antônio Luís Miranda
Professor Examinador

Dedico este trabalho a minha família, ao meu querido companheiro Murilo, e em especial a minha mãe, que foi a fonte de inspiração da minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que tornaram esta pesquisa possível. Se incluem nela meu querido orientador João Henrique Zanelatto, que partilhou comigo neste período de pesquisa e execução deste trabalho sua sabedoria e atenção, estando sempre disponível quando solicitado.

Agradeço também a empresa Duarte Metalúrgica e a pessoa do Sr. Edemilson e principalmente à Rosangela, que entenderam a importância desta pesquisa para minha formação, compreendendo e possibilitando minhas ausências físicas e mentais. Também reconheço com grande gratidão, as entrevistadas que abriram suas casas e sua memória em favor da história.

Não posso deixar de agradecer à minha família que me possibilitou a estrutura necessária para tornar-me a pessoa que sou hoje. Ao Murilo, que com paciência entendeu meus momentos de frustrações e ausências, sempre apoiando-me carinhosamente. Outras pessoas que jamais saíram da minha memória e que fazem parte da minha história, que são meus professores, que tanto me ensinaram, e que me orgulho de tê-los conhecido.

O meu agradecimento especial vai a três pessoas que me acompanharam nesta jornada intelectual, unidas desde o princípio, em meio de desentendimentos e novos conhecimentos, amigas que proporcionaram quatro anos de muita alegria e que permanecerão em mim para o resto da vida, são elas; Paola, Suelen, Verônica. Espero que nossa amizade ultrapasse os anos de faculdade e perdure sempre.

“É dentro de um mundo dado que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade, para alcançar esta suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade.

Simone De Beauvoir

RESUMO

A pesquisa objetivou analisar o processo de inserção das mulheres nas olarias de Morro da Fumaça - SC. A proposta metodológica utilizada para realizar esta pesquisa é trabalhar com uma abordagem no campo cultural e de gênero, a fim de compreender como se constitui a organização do trabalho e do cotidiano das mulheres trabalhadoras de olarias. É preciso ter a compreensão que este grupo social foi, e ainda o é, marginalizado no campo da história. Utilizar-se-á da história oral como metodologia por encontrar dificuldade ao acesso de fontes escritas pertinentes a este tema e por esta ser uma forma de viabilizar as experiências destas mulheres em um texto acadêmico.

Palavras-chave: Gênero. Trabalho. Olarias. Mulher.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 TRAJETÓRIA DO SETOR CERÂMICO E INVISIBILIDADE FEMININA	12
2.1 AS CERÂMICAS DE MORRO DA FUMAÇA: TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO..	13
2.2 INVISIBILIDADE DO TRABALHO FEMININO NA HISTORIOGRAFIA.....	18
3 ENTRE O FEMININO E O MASCULINO A PRESENÇA DAS MULHERES NA CERÂMICA VERMELHA.....	26
3.1 AS MULHERES FORA DO ESPAÇO FABRIL	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	46
APÊNDICES	47
APÊNDICE A - ENTREVISTAS	48

1 INTRODUÇÃO

Qualquer que seja o meio em que se insere, ou a época vivida, o homem sempre exerceu papel prioritário nas relações sociais. Quando se trata do acesso da mulher ao mercado de trabalho esta realidade se intensifica, tornando imprescindível a compreensão que existe ainda divisão sexual nos diversos segmentos da sociedade. Ramificação consagrada desde a época mais remota, onde ficava à cargo do homem as principais atividades responsáveis pela subsistência do clã.

A ocupação feminina no mercado de trabalho tem trazido enfrentamentos e estranhamentos por se tratar de um fenômeno que remete as relações de gênero. E quando se fala em relações de gênero, sobre o que se trata? Segundo Joana Maria Pedro a palavra gênero gramaticalmente falando, representa o masculino ou o feminino, quando direcionada a história esta ganha significado mais amplo, carregado de lutas e movimentos sociais. Sua trajetória acompanha lutas por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito.¹

De acordo com Costa, “O termo Gênero foi um conceito construído socialmente buscando compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles”.²

Quando o assunto é igualdade de direitos, a mulher ainda encontra discriminação, principalmente quando se trata de mercado de trabalho. De acordo com Abramo, mesmo tendo aumentado a participação das mulheres no mercado de trabalho, não houve diminuição das desigualdades profissionais entre os sexos.³

Esta situação acarreta em desvantagens para a mulher, pois estas na maioria das situações exercem funções similares ou iguais à dos homens, possuem grau de escolaridade igual ou superior a dos mesmos e sua remuneração é inferior à recebida pelo funcionário de sexo masculino. De acordo com Odeti Loti, em todas as sociedades, principalmente nas classes inferiores, a mulher sempre trabalhou par a par com o homem sem ter os mesmos direitos sobre o produto do seu trabalho.⁴

¹ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em 05 out. 2013, 10:20.

² COSTA, Lúcia Cortes da. **Gênero**: uma questão feminina. Disponível em: <http://www.uepg.br/nupes/genero.htm>. Acesso em: 29 out. 2013, 15:30.

³ ABRAMO, Laís. **A situação da mulher latino-americana**. O mercado de trabalho no contexto da reestruturação. Mulher e Trabalho Experiências de ação afirmativa. São Paulo: Boitempo Editorial, abril de 2000.

⁴ LODI, Odeti. A mulher e as relações de trabalho. **Ciências Sociais em Perspectiva**. v. 5, n. 9, p. 149-160, 2. Sem., 2006.

Esta é uma característica da divisão sexual do trabalho, que por sua vez, se manifesta em uma dimensão de desigualdade, pois separa em graus de superioridade e inferioridade o trabalho de homens e de mulheres levando ao entendimento que o trabalho de um valha mais do que o de outro.

Esta pesquisa objetivou levantar algumas reflexões acerca da inserção das mulheres no espaço produtivo das olarias de Morro da Fumaça, bem como, a trajetória deste setor no município. Além disso, buscou-se entender o processo de exploração e a precariedade do trabalho feminino juntamente com as relações de gênero no contexto de divisão sexual do processo produtivo. Objetivou-se ainda, desvelar como as mulheres conciliam a dupla jornada de trabalho e quais as condições de vida fora do espaço fabril.

Partindo destes apontamentos buscou-se entender o porquê da invisibilidade feminina nos escritos da cidade, para que fosse possível proporcionar às estas trabalhadoras, espaço na historiografia local. Foram realizadas leituras de obras sobre o município de Morro da Fumaça e outras com cunho teórico, as quais pudessem oferecer embasamento para uma análise crítica acerca das facetas do trabalho feminino e as relações de gênero. Além disso, para compor o escrito foram realizadas entrevistas não sistematizadas a ex-trabalhadoras do setor cerâmico da cidade.

Utilizando da história oral, elaborou-se um estudo onde a preocupação não se limita em apresentar a trabalhadora de cerâmica como mercadoria, somente como força de trabalho, ao contrário, visa-se a mesma como mulher; ser humano, que vive e têm suas relações sociais no ambiente de trabalho; que faz sua história e ao mesmo tempo faz parte de uma. Nesta perspectiva Thompson salienta que: “entendo por “história oral” a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.⁵

Nesta linha pretende-se considerar os processos de constituição dos sujeitos sociais, levando em conta aquilo que realmente lhes é caro, trabalhando a partir de suas experiências e recordações. Ao trabalhar com abordagem oral deve ser lembrado, que tanto o entrevistado como o entrevistador tornam-se responsáveis pela história, tornando-se agentes dela. Por este motivo é importante ter o discernimento de utilizá-la da melhor forma possível, a fim de favorecer e enriquecê-la com temáticas, que por muito tempo foram abandonadas e marginalizadas. Para isso, torna-se essencial entender que a oralidade se utiliza da memória

⁵ THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47>. Acesso

como instrumento que legitima os fatos, e que segundo Le Goff a história torna-se a principal ferramenta de correção que por ventura a memória venha a ter.⁶

A difícil tarefa de reconstituir parte da história dessas trabalhadoras que não se encontram nos documentos escritos, só foi possível através de suas memórias, pois como sugere Janotti, a memória “rompe com os silêncios provenientes do cotidiano, do fazer anônimo, revelando acontecimentos, experiências e mentalidade que não se encontram nos documentos escritos e nas versões oficiais.”⁷

O recorte temporal delimitado para esta pesquisa iniciasse na década de 1970 e se finda no ano de 2010. Por ser um período relativamente longo, nossa preocupação era de que nossas entrevistas contemplassem todo este período de tempo. Encontramos grande dificuldade em localizar trabalhadoras que narrassem suas vivências do período em que trabalharam e viveram nas olarias. Com este contratempo se fez necessário buscar entrevistadas em outras cidades, como é o caso de Eroni Viana e Albertina Zanelatto. Ambas trabalharam em olarias de Morro da Fumaça no período que corresponde as décadas de 1970 e 1980. As demais entrevistadas ainda moradoras da cidade, desempenham nos dias de hoje outras ocupações econômicas. As idades, a procedência, os sonhos, as perspectivas de vida. destas mulheres se diferem, o que se repete na história de todas é que ambas viveram, se relacionaram e trabalharam no espaço cerâmico, contribuindo ativamente para o contexto social.

A pesquisa que apresentamos encontrasse estruturada em dois capítulos. O primeiro deles trata-se de breve levantamento sobre a colonização do município de morro da fumaça, apontando para o crescente setor cerâmico e a necessidade de mão-de-obra para o mesmo. Ainda neste capítulo problematizaremos a partir de uma análise dos escritos produzidos sobre o município de Morro da Fumaça em especial aqueles que contemplem o setor cerâmico, o por que da invisibilidade das trabalhadoras femininas neste segmento e na historiografia.

O segundo capítulo se fundamenta na fala das trabalhadoras da olaria, este se estrutura com base nas narrativas das mesmas. Utilizar a história oral como fonte para esta pesquisa nos possibilita conhecer as relações de trabalho e cotidiano destas trabalhadoras, segundo a ótica das mesmas.

em: 01 jul.2013.

⁶ LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

⁷ JANOTTI, Maria L. M. Refletindo sobre a história oral: procedimentos e possibilidades. In: _____. (Re) **Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 60.

2 TRAJETÓRIA DO SETOR CERÂMICO E INVISIBILIDADE FEMININA

“Queimador não tem fim de semana, feriado nem dia santo. Se tem produção tem que trabalhar”.⁸

Ao ler este desabafo pode-se pressupor se tratar de um relato de um trabalhador de cerâmica, que tem sua vida resumida aos horários de queima de um forno de olaria. E realmente é disso que se trata, a única diferença é que esta informação foi dada por uma mulher, uma trabalhadora, que ao perder seu marido teve que ocupar suas funções de trabalho para poder manter o sustento de sua família. Esta não é uma realidade exclusiva desta mulher, e também não é restritiva a este setor da economia. A renda desta e de muitas famílias depende em parte, ou no seu total, do trabalho feminino.

De acordo com informações retiradas do Senso de 2009 acerca do número de trabalhadoras no estado de Santa Catarina, se tem um número aproximado de 796.320 mulheres trabalhando nas diversas áreas da economia.⁹

Em Morro da Fumaça - SC, esta prática é bastante comum. Cada dia mais a necessidade ou a aspiração de independência financeira leva mulheres a dividirem espaços e oportunidades de empregabilidade com homens e com outras mulheres. O setor cerâmico um dos grandes impulsionadores da economia do município é um exemplo desta ocupação. É muito comum neste ambiente trabalharem famílias inteiras, sendo a mão de obra da mulher muito importante para complementar ou chefiar a renda familiar. Estas mulheres desempenham atividades pesadas tanto quanto homens que são fisicamente mais fortes, e nem sempre recebem o devido reconhecimento, tanto de remuneração salarial quanto reconhecimento histórica.

O trabalho nas olarias de Morro da Fumaça funciona no sistema “ganha de acordo com o que pode carregar”. Mesmo trabalhando às 8hs diárias e 6 dias por semana, as mulheres recebem em média R\$ 20,00 a menos que os homens, enquanto o salário dos jovens e crianças tem um decréscimo em torno de R\$ 50,00.¹⁰

Mesmo sendo presença significativa no espaço cerâmico de Morro da Fumaça, as mulheres pouco, ou não, aparecem na historiografia publicada sobre o tema. A produção

⁸ SHUSTER, Ana Sofia. Falta de condições é o maior problemas nas olarias da região. **Jornal da Manhã**, 07 jul. 1997, p. 03.

⁹ FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (FIESC). **Santa Catarina em dados 2010**. Florianópolis, 2010. v. 20.

¹⁰ SHUSTER, Ana Sofia. Trabalho infantil reacende polêmica. **Jornal da Manhã**, 07 jul.1997. p. 03.

historiográfica a respeito do cotidiano das mulheres trabalhadoras é um estudo recente. De acordo com Matos isso se deu por conta da “efervescência das lutas femininas e da iniciativa de situar na história vivências e experiências femininas antes silenciadas”.¹¹ Provocar este debate em meios acadêmicos contribui para transformar mentalidades reforçadas por hierarquias sociais que atribuem papéis para homens e mulheres dentro de uma sociedade. No que se diz respeito a Morro da Fumaça, e mais especificamente ao espaço cerâmico, para que se possa contemplar e dar visibilidade ao papel que a força de trabalho feminina representa dentro do mesmo, parece importante historicizar e conhecer de que forma este setor da economia se desenvolveu no município.

2.1 AS CERÂMICAS DE MORRO DA FUMAÇA: TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO

Morro da Fumaça é um município localizado ao Sul de Santa Catarina. De acordo com Claudino Biff os primeiros moradores desta cidade foram os Russos, oriundos da Biello-Rússia. Habitaram este local por um período curto de tempo, e mudaram-se para Braço do Norte e Jaguaruga, o que ocasionou a venda de suas terras para italianos que chegaram e se instalaram na região no ano de 1910.¹² Existem várias especulações acerca da origem do nome do município. Ambas remetem à cerração que recobria a cidade, esta que poderia ser de origem natural ou caracterizada pela fumaça das chaminés das olarias.

As primeiras olarias surgiram na cidade na década de 1930 e por existirem poucos registros escritos sobre este período, as informações coletadas foram obtidas por meio de entrevistas orais. Relatos foram conseguidos a partir da fala de antigos proprietários de cerâmicas, nos quais se torna perceptível a divergência de datas e informações. “Ao que parece, havia uma disputa pelo pioneirismo na introdução da primeira olaria em Morro da fumaça”.¹³

Aos poucos as famílias que possuíssem terras e matéria prima abandonavam lavoura e se dedicavam ao ramo cerâmico, pois este agora lhes proporcionava visibilidade de lucro. Assim,

Cada família de três ou quatro irmãos que possuía terrenos com matéria prima [na sua maioria famílias descendentes de italianos que se estabeleceram em Morro da

¹¹ MATOS, Vanessa Cristina Santos. Um estudo histórico das relações de gênero e classe. **Saber Acadêmico**, n. 07, jun. 2009, p. 58.

¹² BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e sua Divina e Humana Comédia**. Tubarão: Coan, 1993.

¹³ ZANELATTO, João Henrique. **Homens de Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha**. São Paulo: Baraúna, 2011, p. 29.

Fumaça e eram os proprietários das terras] abandonavam a lavoura e dedicavam-se exclusivamente ao ramo cerâmico.

Uma característica marcante das olarias fumacense reside no fato desta ser estruturada num modelo familiar, que é repassada em forma de herança de pais para filhos. Nesta perspectiva os conhecimentos e os métodos produtivos também foram mantidos, permanecendo por muito tempo um processo rudimentar de produção. Isso é sustentado por Zanelatto quando o mesmo afirma que até as décadas de 1970 e 1980, as olarias na cidade fabricavam seus tijolos de forma praticamente artesanal.¹⁴ E que,

Apesar de sua importância e representatividade econômica, o setor, ao longo dos anos, não acompanhou a evolução tecnológica e a forma de administração continua a mesma herdada por seus fundadores, ou seja, foram repassadas de pai para filho, ocasionando desperdícios em todo o processo produtivo.¹⁵

Paulatinamente as cerâmicas cresciam e a abundância de matéria prima embalava este desenvolvimento. Na década de 1960 este crescimento ganhou grandes dimensões. O número de cerâmicas que surgiam atingiu proporções extensas, tornando este segmento peça fundamental para o desenvolvimento econômico da cidade. Segundo Cancellier, este setor destacava as potencialidades do município em relação às cidades vizinhas, se favorecendo da matéria prima abundante e da migrante mão de obra numerosa e barata.¹⁶

Morro da Fumaça ganha *status* de município no ano de 1962 e este período corresponde ao início do crescimento do setor cerâmico na cidade, segmento que se torna bastante significativo em uma economia até então baseada essencialmente na agricultura. Nesta fase as olarias ampliam sua produção, passando a oferecer serviços à lugares mais distantes, inclusive é neste período que as vendas se expandem a outros estados brasileiros. De acordo com Zanelatto “este período de crescimento das cerâmicas em Morro da Fumaça coincide com o extraordinário crescimento econômico ocorrido no Brasil na década de 70”.¹⁷

Neste contexto,

Vários fatores vieram a contribuir para expansão das olarias no final da década de 60: a expansão da energia elétrica com a criação da cooperativa (CERMOFUL); em 1967, o rio Urussanga é degradado, ocorrendo enxugamento de uma grande extensão

¹⁴ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 37.

¹⁵ MACCARI, Idê Maria Salvan. **Morro da Fumaça: Passado e Presente**. Morro da Fumaça: Editora Soller Indústria Gráfica Ltda, 2005. p. 34.

¹⁶ NETTO CANCELLIER, Fellipe. **A cerâmica vermelha e os impactos econômicos e sociais ao município de Morro da Fumaça. Criciúma**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense.

¹⁷ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 33.

da Várzea, possibilitando a exploração da matéria (argila); as marombas vindas do Rio Grande do Sul e São Paulo (maquinário para instalar as olarias) e, conseqüentemente, a instalação dessas fábricas no município; a conclusão da BR-101, facilitando o escoamento da produção; a criação do BNH, que deu grande impulso na construção civil.¹⁸

É importante enfatizar que neste período a cidade de Morro da Fumaça contava com outras atividades econômicas além da agricultura e da cerâmica. Zanelatto destaca que além das olarias, três mineradoras de fluorita e dois moinhos de beneficiamento de arroz, apresentavam expressividade econômica no município.¹⁹

A construção civil crescia em ritmo acelerado e para suprir esta demanda era necessária a ampliação produtiva das olarias. Isso fez expandir o número destas empresas na cidade, o que ocasionou a necessidade de contratação de mão de obra. Os trabalhadores disponíveis no município não foram suficientes e poucas foram as pessoas interessadas nestes serviços, pois os mesmos ofereciam condições precárias de trabalho e salários baixíssimos.

Para suprir esta demanda foi necessário admitir trabalhadores de outras localidades. E vários foram atraídos pelas possibilidades apresentadas pelos proprietários para trabalharem nas olarias. Dentre as “vantagens” foram oferecidos itens de subsistência como, água, energia e moradia, garantias que os conquistaram e os persuadiram. Estes trabalhadores não chegaram sozinhos, trouxeram consigo suas famílias. Em pouco tempo a população do município praticamente duplicou. Os migrantes tinham vários motivos para mudar-se, mas entre estes existia um motivo em especial, todos vinham de situações precárias de existência. Eram trabalhadores rurais, pescadores ou operários, com o intuito de melhorarem suas condições de vida e acreditavam que esta seria sua oportunidade.

Vieram para a cidade os mineiros, que enfrentavam a crise do carvão em Criciúma, os pescadores da região litorânea e também os agricultores do interior da cidade. Todos trouxeram a perspectiva de prosperidade, mas com o tempo, a dura tarefa de trabalhar em frente ao forno, carregar tijolos e ter uma vida subumana, contrariou a propaganda feita a respeito do que encontrariam em Morro da Fumaça. Sem meios para retornar a antiga atividade, estas famílias instalaram-se nos alojamentos das olarias e passaram a viver sem nenhuma infra-estrutura.²⁰

O método de produção do tijolo é bastante metódico. É necessário um longo procedimento que vai da extração da argila, homogeneização, extrusão, corte, tornearia, prensagem, secagem a queima, até a conclusão do produto final.

¹⁸ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 32.

¹⁹ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 29.

²⁰ A SAGA dos trabalhadores de olaria. **Jornal Vanguarda**, Categoria Geral, 12 fev.2004.

Conforme o texto retirado do Jornal da Manhã se pôde apurar que a tecnologia empregada até os anos 1990 na confecção dos produtos cerâmicos é quase tão rudimentar quanto à utilizada na década de 30. “Até os anos 90 em Morro da Fumaça eram produzidos 30 milhões de tijolos nas 75 olarias do município. O processo de fabricação de tijolo ainda é feito praticamente artesanal. A única mecanização está na máquina que mói e molda tijolo”.²¹

Como ficou evidenciado na citação do jornal, até a década de 1990 havia pouca mecanização nas cerâmicas, o processo de produção dos tijolos dependia de uma grande quantidade de mão de obra. Assim, no setor cerâmico de Morro da Fumaça, os empresários das olarias obtinham sua fonte de renda explorando a mão de obra que era procedente de vários municípios da região e até de outros estados.

Como destacado acima, a mão de obra oleira vinha de várias localidades. Estes trabalhadores procediam de atividades econômicas distintas como a agricultura, pecuária, mineração e a pesca. Estas famílias se desfizeram dos bens que possuíam e investiam suas esperanças no trabalho assalariado de uma olaria. O perfil dos mesmos era similar quando tratado do baixo grau de escolaridade e da situação financeira que se encontravam.

“Em Morro da Fumaça, a maioria das famílias vindas para trabalhar nas olarias, diante das enormes dificuldades econômicas, passam a morar em casas fornecidas pela empresa, acontecendo à exploração da mão de obra pela proletarização da família inteira, direta ou indiretamente”.²²

Zanelatto discorre que as olarias absorveram todos os membros do núcleo familiar que tivesse capacidade produtiva. Geralmente esta condição abrangia todas as pessoas da casa, incluindo mulheres e crianças. Famílias inteiras foram submetidas ao mando do proprietário, que impunha sua autoridade não somente sobre as relações de trabalho, mas nos diversos âmbitos sociais. O principal mecanismo de condicionamento imposto pelo proprietário era o da moradia. O trabalhador mesmo que descontente se via coagido a permanecer no emprego, por sua residência pertencer na maioria das vezes ao empresário e estar vinculada ao contrato de trabalho. A moradia entre outros elementos como, água, energia, e gás, são subsídios que garantem a dominação e a permanência do funcionário e de sua família na olaria. Outra situação é a relação paternalista entre patrão e empregado. De acordo com Cunha o ponto de vista dos empresários é de que os “benefícios” que propiciam a seus funcionários por meio destes subsídios são fundamentais para que os mesmos tenham

²¹ SHUSTER, 1997, op. cit., p.03.

²² ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 77-78.

melhores condições de vida e de trabalho, ou seja, não admitem que este tipo de sistema lhes traga vantagens. Por isso,

A mão de obra utilizada além de despreparada é composta por grande número de menores com baixos salários. Outra forma de alocação de força de trabalho tem sido a contratação do “pater família”, o qual percebe moradia e energia elétrica, além de remuneração adicional pelo cônjuge e por indivíduo da prole capaz de prestar serviços.²³

Quanto às moradias oferecidas, Cunha²⁴ descreve que as mesmas eram casas simples, fabricadas de tijolos, na maioria apenas salpicadas, sem forro ou contrapiso. Geralmente os banheiros ficavam desagregados das residências, sendo por vezes utilizados por mais de uma família. Destaca ainda que,

Essas casas são construídas ao lado das olarias em lugares baixos e com muita umidade, constituídas de quatro a cinco cômodos. Não são forradas e dificilmente encontra-se casas com assoalho de madeira. [...] a maioria está só no contrapiso. [...] Nessas casas havia água encanada, no entanto, saneamento básico não existia. Era a céu aberto.²⁵

A busca de melhores condições de vida atraiu famílias inteiras à atividade oleira como já mencionado. Homens, mulheres e crianças foram submetidos às condições precárias e insalubres de trabalho, sendo este na maioria das vezes informal. Ou seja, estas pessoas se encontravam desprotegidas em relação a direitos trabalhistas. Segundo Villar, são raros os casos em que os trabalhadores possuem amparo pelos órgãos sociais e previdência social.²⁶ Lembrando que,

O trabalhador é um morador da olaria, sujeito aos interesses do dono da exploração, obrigado a trabalho extraordinário no período que deveria ser dedicado a repouso e submetido à verdadeira "servidão" por dívida. Esta dívida não decorre da incapacidade do trabalhador administrar seu orçamento doméstico, mas tem origem no caráter sazonal da produção de tijolos, portanto vincula-se a própria estrutura da atividade oleira. Nessa situação de morador, o ir e vir é controlado pelo patrão, que domina o espaço e o tempo de vida das famílias de trabalhadores.²⁷

As condições naturais da região e a farta mão de obra barata, possibilitaram o

²³ VILLAR, Vladien dos Santos. **Perfil e Perspectivas da Indústria Cerâmica Vermelha do Sul de Santa Catarina**. Florianópolis. 1988. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, p.27.

²⁴ CUNHA, Yasmine Moura da. **Aspectos da paisagem oleira de morro da fumaça (SC)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

²⁵ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 99.

²⁶ VILLAR, 1988, op. cit., p. 27.

²⁷ D'AQUINO, Terezinha. **Do Barro ao pó, estudos sobre tecnologia, processo de trabalho e saúde ocupacional nas olarias**. Marília, SP: UNESP, 1989, p. 03.

desenvolvimento do setor cerâmico em Morro da Fumaça, o que proporcionou reconhecimento nacional à cidade. A história do município tem uma relação muito íntima com o setor cerâmico, pois este foi responsável pelo crescimento econômico do local, sendo que possivelmente até o nome da cidade foi dado em referência a este segmento.

Ao analisar as produções sobre Morro da Fumaça fica perceptível que o segmento cerâmico foi e continua sendo importante para a economia da cidade, proporcionando empregos diretos e aflorando outras atividades ligadas ao meio, como as empresas de metalurgia que fabricam máquinas e peças de reposição para esta área. É importante perceber que este segmento proporcionou, mesmo que por vezes em forma de exploração, o sustento de muitas famílias. Mas se este setor utilizou-se de grande quantidade de mão de obra e se parte desta era constituída por mulheres, por que elas estão invisíveis na historiografia?

2.2 INVISIBILIDADE DO TRABALHO FEMININO NA HISTORIOGRAFIA

A construção histórica da mulher a condicionou e limitou ao “segundo sexo”, ou seja, historicamente o sexo feminino por tempos teve a designação de ser dirigido ou governado. Estas formas de dominação aconteciam dentro e fora do espaço familiar, compreendendo, pai, esposo, filhos, igreja, sociedade. As mulheres que tivessem outros interesses que a desviassem do caminho do matrimônio foram consideradas inapropriadas, sendo por vezes renegada do convívio social.

O trabalhar fora de casa, foi por muito tempo algo exclusivamente masculino. Acreditava-se que somente o homem possuía inteligência suficiente para assuntos intelectuais e força suficiente para trabalhos braçais. Isso reforçava o pensamento que inferiorizava a mulher e a limitava a vida doméstica. Foram necessários muitos anos para que a mulher tivesse a oportunidade de compartilhar o espaço social sendo componente participativo do meio. Não somente o tempo foi responsável por estes feitos, as mudanças estruturais e econômicas foram primordiais para que ocorresse a quebra deste paradigma.

Com a Revolução Industrial toda atividade onde houvesse a apropriação e acúmulo de capital era validada e reproduzida. Foi neste período que a mão de obra feminina passou a ser utilizada. A incorporação da mulher ao mercado de trabalho remunerado alterou a dinâmica familiar. No passado exerciam somente a função de mães, esposas e donas de casa, agora tornaram-se peças importantes na renda familiar.

No Brasil não foi diferente. Influenciados pelo processo de modernização das

idades, as indústrias necessitavam contratar mão de obra, o que ocasionou a inserção em massa de mulheres ao trabalho remunerado. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) a ampliação da participação da mulher no mercado de trabalho resultou em algumas transformações no modo de viver. Algumas delas são: a redução da taxa de fecundidade, a busca por estabilidade e realização profissional, e a elevação da escolaridade, fator que as colocou na “disputa” por melhores vagas de emprego juntamente com os homens.²⁸

Segundo PROBST “para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem cada vez mais adiado projetos pessoais, como a maternidade”.²⁹ Os motivos que ocasionaram a entrada destas mulheres ao mercado de trabalho, foram muitos e cada uma delas possui um objetivo em particular. Quanto aos mais comuns se pode destacar a necessidade de complementar ou manter o sustento familiar em casos de desemprego, morte ou ausência do cônjuge, assim como o caso de Dona Eva de Sá observado no início do capítulo.

O intenso acesso da mulher ao trabalho assalariado ocorreu a passos velozes, mas diversos foram os desafios encontrados diariamente para que as mesmas se estabeleçam neste mercado. Segundo a DIEESE, a atuação da mulher no mercado de trabalho e na sociedade tem sido marcada pela busca de igualdade nas relações de gênero, da participação nos espaços de poder, na realização pessoal e profissional.³⁰ Vista que,

“As mulheres que procuram uma colocação no mercado de trabalho, no Brasil e em todo mundo, deparam-se com desafios relacionados às possibilidades de inserção em determinados setores de atividade, bem como de ascensão profissional e igualdade de remuneração”.³¹

Torna-se evidente que a organização social na qual se vive é mantida por certa hierarquia de poder, na qual o homem foi, e em muitos casos continua sendo, o dominador. Neste padrão se pode, a partir da cultura, entender e encaixar as relações de gênero. Para Santos cultura é um instrumento utilizado para compreender as sociedades contemporâneas e a partir dela se torna possível discutir relações de poder dentro de uma sociedade.³²

²⁸ DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **A situação do Trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, 2012, p. 216.

²⁹ PROBST, **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em 05 de out. 2013, 11:05

³⁰ ZANELATTO, 2011, op. cit., p.216.

³¹ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 216-217.

³² SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p.90.

Se utilizando de uma dimensão cultural, se torna indispensável compreender que trabalhar com gênero é estabelecer relações entre os homens e mulheres, entendendo os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles. Esta percepção pode ser entendida através da ótica de Scott, quando a mesma atesta que gênero é o entendimento sobre as diferenças sexuais, opondo-se ao determinismo biológico e compreendendo a hierarquia de poder exercida entre eles.³³

Quanto à categoria de análise, o gênero tem a vantagem de propor uma transformação de paradigmas, quando se propõe a dar visibilidade ao estudo feminino até então marginalizado na história. De acordo com Scott, “[...] o ‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina”.³⁴

De acordo com Pedro, entrar na história havia se tornado um valor disputado, pois a forma positivista de escrevê-la sempre evidenciava aos personagens masculinos, em especial aqueles que se “destacavam”, imortalizando uma versão elitizada. Nesta perspectiva as mulheres que ganhariam alguma visibilidade nos textos históricos seriam eventualmente aquelas que ocupassem o trono ou que alguma forma estivessem ligadas a um homem de poder. Assim,

Carregadas de estereótipos, estas análises reforçaram mitos ora da suprema santidade, ora da grande malvadez das poucas mulheres que ocupam algum cargo de destaque nos governos e/ou nas guerras. Engrossam este panteão as rainhas, as princesas e as donzelas guerreiras, das quais Joana D’Arc é uma espécie de arquétipo do “bem”, enquanto Lucrecia Borgia, por exemplo, é considerada um exemplo do “mal”.³⁵

A ampliação de fontes e de pesquisadores interessados em expor histórias de pessoas “comuns”, tornou possível a inserção das mulheres nestes estudos. Hoje, biografias que tratam de gênero são muito acessíveis ao pesquisador, devido as lutas e interesses e este tema tem ganhado destaque.

No Brasil as pesquisas sobre a história das mulheres avançaram seguindo tendências historiográficas vindas do exterior. Segundo Gomes, foi a partir da década de 1980 que a historiografia brasileira passou a investigar a mulher como sujeito histórico, retratando

³³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 10 out. 2013, 15:20.

³⁴ SCOTT, 1990, op. cit., p. 3.

³⁵ PEDRO, 2005, op. cit., p. 8.

seu cotidiano e seus ideais de resistência.³⁶ Ainda é muito comum em pesquisas regionais de âmbito municipal, se encontrar abordagens tradicionais onde a história das mulheres como de outras minorias não ganham visibilidade. Estes estudos são fruto de pesquisas feitas por profissionais de diversas áreas incluindo amadores,

Desta forma, se aponta para algumas obras desenvolvidas sobre a cidade de Morro da Fumaça, e em especial, aquelas que abrangem o campo cerâmico, a fim de analisar quais as abordagens presentes nestas historiografias, observando a partir das mesmas, se o trabalhador da cerâmica, em especial a trabalhadora, tem visibilidade nestes escritos. Este tema é delimitado especificamente à mulher no setor cerâmico, pois percebe-se que mesmo existindo grande número de trabalhadoras nesta área, poucas são as informações produzidas sobre o assunto.

Para esta análise, foi feito um levantamento da produção historiográfica sobre Morro da Fumaça e se encontrou oito escritos sobre a cidade constituídos por monografias de conclusão de curso, monografias de especialização, dissertações de mestrado e livros.

Dentre os escritos, a dissertação de mestrado de Vladien dos Santos Villar, defendida no ano de 1988, intitulada “ O perfil e perspectivas da indústria cerâmica vermelha do Sul de Santa Catarina”. Villar não se limita apenas ao município de Morro da Fumaça. Este traça um perfil à respeito da indústria cerâmica no sul do estado de Santa Catarina. Percebe-se que sua pesquisa é organizada, alicerçada em gráficos e estatísticas. Por se tratar de uma dissertação no campo da engenharia de materiais e produção, a real preocupação de Villar é contribuir com a organização de dados específicos, a fim de diagnosticar problemas e criar estratégias que possam ser utilizadas em ações futuras, com o propósito de influenciar o desenvolvimento do setor cerâmico.

Villar se utiliza de entrevistas para dar corpo a sua pesquisa. Seu foco é dar voz aos empresários, identificando através destas narrativas, os motivos levados a escolherem este ramo de ocupação. A finalidade da dissertação de Villar não é com o campo social ou histórico, sua pesquisa tem um objetivo exclusivo que é o de traçar um perfil do setor cerâmico e a partir daí apontar melhorias para o mesmo. Por este motivo o trabalhador de chão de fábrica não é instrumento de seu estudo, e não há a preocupação em evidenciá-lo, e quando citado, é apresentado brevemente como mão de obra despreparada.

Claudino Biff foi pároco em Morro da Fumaça por um período de 40 anos. Este

³⁶ GOMES, Ambrósio Gisele. **História, Mulher e Gênero**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf>>. Acesso em:

longo tempo de sacerdócio lhe proporcionou amizades e o aproximou da população, ganhando confiança e intimidade que lhe renderam a escrita de um livro, “Morro da Fumaça e sua divina e humana comédia”, publicado no ano de 1993.

O livro de Biff é um dos escritos mais populares à respeito da história de Morro da Fumaça. Trata-se de um conjunto de entrevistas feitas pelo padre aos moradores mais antigos da cidade. É perceptível que as pessoas entrevistadas são aquelas que tiveram participação significativa para o crescimento do município, ou seja, o livro baseia-se nas lembranças das famílias mais abastadas.

O autor direciona as entrevistas ao ponto que as recordações se enlaçam e consolidam o que é falado. Algumas lembranças tornam-se freqüentes nas falas dos entrevistados. São elas as que remetem à família, aos romances, ao lazer e a religião. Também no texto pode-se observar o nascimento do setor cerâmico, mas este se limita somente a sua fundação, não há qualquer informação a respeito dos trabalhadores deste meio. Firmando o que foi analisado acima, este livro trata de uma parcela da história de Morro da Fumaça contata pela elite, e quando este trás entrevistas femininas, estas apenas elucidam o que já havia sido falado.

Do campo da história, identificou-se o livro de João Henrique Zanelatto, “Homens do Barro: Trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha”. Estudo fruto de sua dissertação de mestrado em história defendida no ano de 1998. A pesquisa tem seu recorte temporal entre 1970 e 1990, período de grande desenvolvimento econômico na cidade, resultado da expansão no setor cerâmico local. Zanelatto ao contrário de Villar se utiliza de uma abordagem cultural para compreender as experiências dos trabalhadores da cerâmica vermelha em Morro da Fumaça.

Analisando trajetórias migratórias, o autor buscou conhecer qual a procedência destes trabalhadores. Para chegar a estas particularidades, foi necessário construir um levantamento histórico a respeito do crescimento econômico e físico que o espaço cerâmico ocupou na cidade, bem como, a necessidade da mão de obra procedente de outras localidades.

Ao analisar o livro de Zanelatto, pode-se perceber que sua grande preocupação é em dar visibilidade ao trabalhador de olaria. Este autor trabalhou com uma perspectiva cultural, se utilizando da oralidade como metodologia. Visou a partir destas, evidenciar os sujeitos esquecidos ou marginalizados em outras pesquisas. A obra firma por diversas vezes, que todo o núcleo familiar desempenhava funções dentro do espaço cerâmico, o que nos leva

a crer que incluía a presença de mulheres nestes locais. A respeito das mulheres o autor não faz nenhum aprofundamento, até porque gênero não é o enfoque de sua pesquisa, mas vale destacar que o mesmo confirma a existência feminina nas atividades das olarias, inclusive levando a compreensão de que as mesmas desempenhavam dupla jornada de trabalho. “Além dos serviços domésticos, não é pequeno o número de mulheres casadas que atuavam nas olarias fazendo os mesmos trabalhos realizados pelos homens”.³⁷

O livro “Morro da Fumaça Passado e Presente de Idê Maria Salvan Maccari, nasce de uma necessidade encontrada pela autora de trabalhar a história do município em sala de aula. Maccari trabalha desde 1988 na área de educação em Morro da Fumaça, e por acreditar que o material produzido sobre o município era bastante limitado e escasso, buscou através de catalogações e entrevistas, produzir uma pesquisa que abarcasse esses silêncios.

O livro tem escrita e organização didática, se divide em subtítulos, que de acordo com a autora facilita o ensino.

Morro da Fumaça Passado e Presente é um livro voltado às escolas, por isso o material está sendo muito aproveitado até porque está dividido em subtítulos que facilitam o ensino como: Fundadores, Origem do Nome, Criação do Distrito, Emancipação, Símbolos, Localização, Distribuição do Espaço Municipal, População, Agricultura, Vegetação, Hidrografia, Saúde, Educação, Indústria, Comércio, Energia elétrica, Sistema de abastecimento de Água, Fotos Retratando o Passado e o Presente.³⁸

No entanto, Maccari trata dos temas superficialmente, não há nenhum aprofundamento acerca dos assuntos trabalhados. O trabalhador da olaria é mencionado ainda de forma mais breve, e em nenhum momento faz menção a trabalhadora.

A dissertação de mestrado submetida ao centro de Filosofia e Ciências humanas da UFSC, referente ao curso de Geografia defendida por Yasmine Moura da Cunha, intitulada “Os aspectos da paisagem Oleira de Morro da Fumaça (SC)” têm como objetivos principais abordar os aspectos e a paisagem da atividade oleira na cidade de Morro da Fumaça. A estrutura da pesquisa organizada pela mesma, baseia-se primeiramente na concepção histórica da cidade; em sequência traça um panorama acerca das olarias, e o crescimento do setor até a chegada dos dias atuais.

Os dados utilizados por Cunha foram coletados a partir de entrevistas e questionários feitos aos proprietários ceramistas. A autora pode, a partir daí, entender de que

³⁷ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 78.

³⁸ SILVA, Ederluiza. **Livro sobre Morro da Fumaça é voltado a Educação**. Disponível em: <http://ederluizasilva.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html>. Acesso em: 11 de out. 14:50

forma o setor se desenvolveu na cidade, se baseando em quadros e estatísticas que pudessem firmar suas pesquisas. Ao discutir a paisagem oleira na cidade, a autora descreve as transformações visuais de que o município passou com a anexação do segmento cerâmico, modificações que incluem a organização estrutural de Morro da Fumaça. Ainda discutindo a paisagem, Cunha descreve a forma de como estão dispostas as moradias das pessoas que trabalham nas cerâmicas, dando a entender a precariedade de recursos e condições vividas pelos mesmos. Na pesquisa de Cunha não há nenhum aprofundamento que leve o leitor a conhecer o cotidiano do trabalhador oleiro. Por se tratar de uma geógrafa, este enfoque tornar-se-ia irrelevante. O funcionário e morador da olaria ficam limitados às condições discutidas acima e não é perceptível a presença da mulher neste espaço.

Da economia aponta-se para o trabalho de conclusão de curso da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), do acadêmico Felipe Netto Cancellier. A pesquisa intitulada “A Cerâmica Vermelha e os impactos ambientais, econômicos e sociais ao município de Morro da Fumaça” tem como proposta uma reflexão à respeito desta que por muito tempo foi à principal fonte econômica da cidade.

Netto Cancellier analisa que o setor cerâmico proporcionou ao município novas perspectivas econômicas, e o colocou em destaque por muito tempo no cenário nacional. No entanto, por não acompanhar as evoluções tecnológicas e de caráter ambiental do mercado, não conseguiu manter-se com o mesmo potencial econômico. E por consequência caracterizou a cidade como exemplo de poluição e degradação ambiental.

A conclusão que se chega ao analisar este estudo é que mesmo dentro dos aspectos de análise destacados por Netto Cancellier, o segmento social ganhou pouco destaque e aprofundamento quando comparado ao fator ambiental e, principalmente econômico.

O trabalhador é superficialmente inserido no contexto como apenas mão de obra, não há a preocupação acerca dos aspectos cotidianos e pessoais, pois a intenção deste trabalho é entender a realidade econômica e ambiental, após a inserção da cerâmica vermelha no município.

Das Artes Visuais analisa-se o trabalho de conclusão de curso de Silvia Francisco Motta, “A fotografia como material histórico: as imagens do município de Morro da Fumaça” defendido no ano de 2009. A pesquisa de Motta baseia-se na perspectiva de que a fotografia pode ser utilizada como fonte de informação histórica. A autora utiliza de imagens que capturam Morro da Fumaça em períodos de tempos distintos, com o intuito de demonstrar as

mudanças arquitetônicas sofridas por estes espaços no decorrer deste período..

Motta faz uma pequena introdução a cerca da história de Morro da Fumaça, incluindo brevemente a instalação do setor cerâmico no município.

“As oligarquias dos Partidos Políticos de Morro da Fumaça – SC no período de 1980 a 2010”, tema do artigo de Renato Cechinel e Janete Trichês, tem como objetivo identificar as oligarquias que estiveram no mando político em Morro da Fumaça, no período de tempo acima especificado.

Os autores procuraram interpretar o fenômeno observado, a fim de perceber mudanças e permanências dentro dos partidos políticos, para assim confirmar a existência de oligarquias elitistas dentro dos mesmos. O tema do artigo se concentrou unicamente na política e nas suas ramificações partidárias. Neste artigo não há referência ao setor cerâmico.

O estudo sobre a cidade de Morro da Fumaça gerou algumas pesquisas que destacaram a importância do segmento cerâmico para o município. Dentre os escritos pode-se perceber que a maioria segue abordagens teóricas, que não tem a preocupação por questões referentes à vida privada dos trabalhadores. Neste contexto, o trabalho e a contribuição destas pessoas são pesquisados apenas como estatísticas.

No que se constata, apesar de a mulher lutar para conquistar seu espaço em atividades ditas como masculinas, as mesmas não lhe proporcionaram a visibilidade correspondente à esta condição. Existe ainda certo preconceito quanto à existência de mulheres em alguns ambientes de trabalho, o que acaba refletindo em algumas pesquisas tornando a presença das mesmas oculta.

Exemplo disso pode-se destacar os textos analisados acima, levando em conta que todos eles são relativamente recentes, e já se encaixam no período em que as minorias são caracterizadas na história como participantes da mesma. Em todas as obras analisadas há uma inclinação e favoritismo quanto à opinião masculina e geralmente a posição do proprietário, não se percebe qualquer preocupação em apresentar o trabalhador, e em especial, a mulher como sujeito histórico.

Busca-se a partir desta pesquisa, conhecer a atuação e participação feminina na esfera cerâmica de Morro da Fumaça, compreendendo a complexidade de seu cotidiano, incluindo sua vida privada, a fim de criar e conhecer estruturas de poder, possibilitando uma nova perspectiva da história local, onde a mulher trabalhadora ganhe destaque.

3 ENTRE O FEMININO E O MASCULINO: A PRESENÇA DAS MULHERES NA CERÂMICA VERMELHA

Diante das possibilidades cada vez mais limitadas de inserção no mercado de trabalho, ou as dificuldades de subsistência, o contingente de trabalhadores que se deslocam do seu domicílio torna-se bastante significativo. Na maioria das vezes as migrações não ocorrem somente por parte do desejo de mudar-se, mas sim pela necessidade de fazê-lo. De acordo com Santos, “Torna-se praticamente impossível dissociar fluxo migratório do mercado de trabalho, uma vez que este tanto fixa quanto expulsa, dependendo das necessidades colocadas, em momentos concretos, pela dinâmica assumida pelo capital no atual período de sua mundialização”.³⁹

O ato de migrar ocorreu em praticamente todos os períodos da história e pelos mais variados motivos e circunstâncias. Entre os fatores mais comuns, considera-se os de origem econômica, no qual se encaixam as migrações que ocorreram na cidade de Morro da Fumaça nas décadas de 1970 e 1980. O que caracteriza esta migração como de caráter econômico, é a recíproca necessidade de geração e renda, tanto para o proprietário quanto para o futuro funcionário da olaria.

As famílias que se mudavam para esta localidade provinham de diversas regiões do estado e exerciam as mais diferentes profissões. De acordo com Zanelatto estas migrações eram na sua particularidade heterogêneas, por se tratarem de grupos distintos. O autor destaca três grupos de trabalhadores que tiveram maior incidência migratória, entre eles trabalhadores rurais, pescadores, mineiros, entre outros, provenientes de vários municípios da região sul e até de outros estados.⁴⁰

Maria Ivanir pode ser inserida em um destes grupos, pois, mudou-se juntamente com sua família para Morro da Fumaça no ano de 1972. Tratavam-se de fumicultores e o principal motivo de sua mudança foi uma proposta de emprego oferecida por um proprietário de olaria. Esta proposta tornou-se bastante tentadora, pois garantia a sua família a segurança de uma moradia.

Minha família veio da cidade de Anitápolis, lá meus pais eram trabalhadores rurais, plantavam fumo em um terrinha arrendada. Nada lá era nosso, morávamos na terra do nosso patrão. Não sei ao certo quanto e como era feito o pagamento ao meu pai.

³⁹ SANTOS, Ariovaldo. **Migração e força de trabalho: notas para debate**. Disponível em: http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA72/Pegada7n2_20061Ari.pdf. Acesso em: 17 out. 2013, p.18.

⁴⁰ ZANELATTO, 2011, op. cit., p. 57.

Sei que viemos morar em Morro da Fumaça, por virtude das propagandas que escutávamos, pensávamos que nossa vida iria mudar; que teríamos mais oportunidades, mas isso eram apenas promessas.⁴¹

Zanelatto afirma em seu livro que grande parte dos trabalhadores que foram para Morro da Fumaça com intuito de trabalhar nas olarias, já acertavam com o proprietário o trabalho e o local para morar, e em alguns casos, até os pertences da família eram trazidos pelo novo patrão.⁴²

Pecebe-se na fala de Maria Ivanir, que sua família integrava o grupo de trabalhadores rurais que se encaixa num dos grupos migratórios citados acima. A divulgação feita a respeito de privilégios como moradia oferecida ao trabalhador da olaria, estimulou à vinda de muitas famílias a cidade. Estas residências passaram a ser um investimento do proprietário da cerâmica, uma garantia de mão de obra. As casas oferecidas eram construídas nas redondezas da olaria, geralmente ao lado da mesma. O número de moradias variava de acordo com o tamanho da empresa. A diferença destas construções para as vilas operárias é exatamente por estas se tratarem de um número reduzido de residências. O que se torna característica básica a respeito destas casas é a condição em que são construídas. Segundo Zanelatto, estas moradias eram edificadas em lugares baixos e com muita umidade, sem forração e a maioria somente com contrapiso.⁴³

A disseminação da informação à respeito dos benéficos como a moradia, oferecidos a quem viesse a trabalhar nas olarias aconteceu rapidamente e geralmente por recomendação de amigos e parentes. Fica evidente a força de persuasão que as propagandas exerciam em favor do trabalho nas cerâmicas. No caso desta família, a informação sobre as oportunidades de empregabilidade atingiram 129 km, distância entre sua cidade natal e Morro da Fumaça. Como mencionado pela entrevistada, houve decepção quando se percebe que toda esta campanha em prol das cerâmicas, não passava de promessas, que a vida nas olarias pouco se diferia das dificuldades que já haviam vivido.

Situação acentuada por Eva de Sá, quando a mesma conta seu arrependimento em ter vendido suas terras na cidade de Orleans para viver em Morro da Fumaça. “Hoje não tenho nem um teto para morar, moro de favor na casa que a firma dá”.⁴⁴ Pensamento que se torna

⁴¹ BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.)

⁴² ZANELATTO, 2011, op. cit., p.103.

⁴³ ZANELATTO, 2011, op. cit., p.108.

⁴⁴ SHUSTER, 1997, op. cit., p.03.

equivocado, pois dona Eva não percebe que a moradia em que vivia não era gratuita, o valor de sua locação já estava inserido e descontado em seu pagamento.

Geralmente estas decisões acerca do futuro da família eram tomadas pelo patriarca, sem que fosse consultada a opinião do restante da família. Como é o caso de Dona Eroni Viana, que afirma que a decisão de mudar-se partiu exclusivamente de seu esposo. “Era tão boa a minha terrinha, eu não queria mudar, mas mulher não decidia nada, dava opinião, mas quem decidia era o marido”.⁴⁵

Como mencionado, as migrações aconteciam de forma familiar, e qualquer que fosse o membro deste grupo necessitava trabalhar nas olarias, o que inclui as mulheres e as crianças. Albetina Zanelatto, conta que sua família se mudou para Morro da Fumaça quando ela ainda era uma criança. Instalaram-se nas dependências da cerâmica e ingressaram neste meio todos juntos sem exceção:

Comecei a trabalhar na olaria bem moça, lá pelos anos 70 e poucos. Íamos trabalhar todos juntos lá de casa. Tinham poucas moças trabalhando com a gente eram mais homens, eram tudo da mesma família, vinham de tudo quanto é lugar, moravam lá igual à gente. As meninas que trabalhavam lá, também estavam nas mesmas condições que a gente, tinham que trabalhar pra ajudar os pais, se não, não comia. Quando precisava, que faltava gente na produção, eles contratavam gente aqui da Fumaça mesmo, daí vinham trabalhar umas outras mulheres.⁴⁶

A maioria das famílias que migravam para Morro da Fumaça o faziam com intuito de trabalhar nas olarias e assim morar nas casas oferecidas pelas empresas contratantes. Isso é reforçado na fala de Albertina quando a mesma afirma que somente na falta destes, eram empregados trabalhadores avulsos geralmente do próprio município. Realidade atestada por Zanelatto, quando o mesmo informa que o Sindicato dos Trabalhadores Oleiros (SIOMF), afirma que até o final da década de 1990, 90% dos operários das olarias moravam nas casas da empresa.⁴⁷

Tal processo desencadeou em uma grande dependência do trabalhador a empresa, pela necessidade de garantir sua moradia: “Trabalhava o pai a mãe, eu a Beta e o Tadeu. Porque tinha que ser no mínimo cinco pra ganhar a casa, tinha que trabalhar no mínimo cinco pessoas, se saísse um a família tinha que ir embora e dar lugar para outra”.⁴⁸

⁴⁵ VIANA, Eroni. Depoimento [set. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (35 min.).

⁴⁶ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3. (37 min.).

⁴⁷ ZANELATTO, 2011, op. cit., p.103.

⁴⁸ BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.).

Segundo a fala de Maria Ivanir, fica perceptível que esta estratégia submetia os trabalhadores a um regime de confinamento, de dependência direta. O interesse e a necessidade de manter a moradia era tão grande que qualquer elemento da família capaz de realizar alguma atividade dentro da olaria era submetido ao trabalho na mesma, sem levar em consideração a idade ou sexo.

A necessidade de trabalhar para receber moradia é descrita por Villar como o sistema de “pater família”, pois loca as famílias de trabalhadores no terreno da própria empresa e oferece moradia, energia elétrica e remuneração adicional por indivíduo capaz de prestar serviço.⁴⁹

Não somente famílias de migrantes compunham o conjunto de trabalhadores oleiros. Alguns destes funcionários eram naturais do município e utilizavam desta atividade como principal sustento familiar. Fato confirmado na fala de Arlete Sabino, quando menciona que a sua família residia nas proximidades da olaria e que ingressaram nesta profissão por necessidade financeira e por este segmento não exigir especialização ou grau de escolaridade.

A gente morava ali, bem ali, pertinho da olaria, quase vizinhos dela. Nossa casa era bem pequenininha, de madeira, bem simples. Meus pais eram daqui mesmo, meu pai era o encarregado da olaria, e eu e meu irmão precisamos trabalhar deste pequenos pra ajudar manter nossa casa, meu pai juntava o dinheiro que a gente ganhava, era pouco, menos do que paga hoje, mas tinha que ser assim pra poder sustentar minha mãe e o resto dos meus irmão menores.⁵⁰

Existia pouca diferenciação entre os trabalhadores que viviam nas casas oferecidas pelas olarias e os que não viviam. A diferença mais significativa se dava a respeito do salário recebido. O pagamento ao funcionário morador da olaria era feito de forma parcial, diferente do recebido pelo trabalhador que residia em um espaço independente, pois neste montante já estará descontado o valor do aluguel da residência, o que se tornava um raciocínio meramente econômico, pois o cálculo do mesmo, sempre favorecia a empresa. Outro diferencial diz respeito a que, o funcionário que depende da empresa para obter sua moradia, era colocado em um regime de prontidão, estando disponível ao trabalho no momento em que fosse solicitado.

É perceptível que no período analisado que corresponde à década de 70 ao ano de 2010, houveram mudanças pouco significativas no que diz respeito ao modo de viver e de organizar a produção dentro das olarias. A tecnologia empregada era basicamente a

⁴⁹ VILLAR, 1988, op. cit., p. 27.

⁵⁰ SABINO. Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaire Beretta. 1 arquivo, mp3 (25 min.).

tradicional. De acordo com Cunha, da década de 70 até a data de sua pesquisa em 2002, quase 70% das olarias do município mantinham uma forma de organização familiar, independente da quantidade de produção.⁵¹ Este tipo de produção baseava-se no conhecimento passado de geração à geração, mantendo na sua estrutura características rudimentares de fabricação.

Levando em consideração a composição dos trabalhadores, pode-se entender que estes se tratavam de um grupo heterogêneo que incluía homens, mulheres e crianças, e que a forma organizacional da produção era estruturada de acordo com a capacidade potencial de cada um.

As mulheres em especial realizavam diversas funções, geralmente aquelas que requeriam habilidade, concentração e um intenso esforço físico. Tiago Oening afirma que dentro da olaria em que trabalhou, as mulheres realizavam quaisquer atividades que lhes fossem atribuídas, mas existiam algumas que eram específicas para as mesmas. “Como eu posso definir, as mulheres faziam de tudo um pouco, mas tinha funções que eram sempre elas que faziam. Que era tirar o tijolo da máquina e botar nas prateleiras”.⁵²

Mas isso não significava que os afazeres realizados por estas trabalhadoras fossem simples ou tivessem menor importância do que os desenvolvidos pelos homens. Na realidade muitas delas realizavam funções que exigiam muito além de suas próprias forças. Como é o caso de Eva de Sá, que por se tornar viúva necessitou assumir as obrigações de seu esposo num forno de olaria como queimadora, afazer considerado o mais duro dentro deste tipo de empresa, pois exige resistência e disponibilidade de tempo de quem o executa. Este tipo de encargo pesado era concedido à muitas outras trabalhadoras, como no caso descrito por Albertina:

Comecei a trabalhar com uns doze anos, ainda era criança, pelo menos no tamanho. Mas já trabalhava, trabalhava pesado na olaria. Tinha que botar o barro no carinho, cortar tijolo, botar na prateleira. Meus dedos eram todos esfolados, cheios de calo. Às vezes pediam para ajudar a carregar os caminhões depois do horário, íamos eu e meus irmãos. Depois de carregar tudo, já cansados de trabalhar o dia todo, recebíamos alguns trocados do motorista para dividirmos.⁵³

Os horários e obrigações na olaria eram seguidos precisamente, obedecendo à organização da produção. Tal organização se dava pelo sistema de divisão sexual, o que

⁵¹ CUNHA, 2002, op. cit., p. 96.

⁵² OENING, Tiago. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1 arquivo, mp3 (14 min.).

⁵³ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1 arquivo, mp3 (37 min.).

refletia diretamente na forma de pagamento de cada funcionário. O processo se dava por meio do sistema de “ganha de acordo com o que pode carregar”, ou seja, esta forma de organização pagava melhor a quem produzisse mais, isso favorecia geralmente os homens que dispunham de maior força braçal.⁵⁴ Esta estratégia barateava em muito a mão de obra feminina. Não somente nestas condições de trabalho a mulher sai em desvantagem em relação à remuneração salarial.

Segundo o Observatório de Gênero, os homens ganham mais que as mulheres em todas as faixas de idade, níveis de instrução, tipo de emprego ou de empresa.⁵⁵

O pagamento era feito em dinheiro ou em vales, o que limitava as possibilidades destas trabalhadoras, pois a troca dos mesmos só poderia ser feita em locais específicos. Segundo Zanelatto, muitos dos proprietários de cerâmicas possuíam negócios que iam além da olaria. Empreendimentos que englobavam diversos ramos industriais, que iam desde lojas comerciais, moinhos de arroz, postos de gasolina, mercado, entre outros.⁵⁶ Este motivo justificava a vantagem da utilização dos vales como pagamento para os mesmos, pois obrigava o funcionário a comprar no seu comércio, ou no local onde a ele fosse indicado, caracterizando o ganho duplicado ao patrão.

Seguindo a logística de organização da cerâmica, eram trabalhadas por dia 08 horas, sendo que era disponibilizada 01 hora de descanso, na qual se referia ao almoço. Almoço que poderia ser feito na própria olaria por meio de marmitas, mas ao que parece de modo geral que os trabalhadores faziam suas refeições em casa, pois a maioria viviam em residências fornecidas pelos proprietários das olarias e que ficavam ao lado das cerâmicas.

Ao que se percebe, a necessidade de ajudar na renda de casa era uma realidade comum para crianças e jovens, que precisavam e iniciavam desde cedo no mundo do trabalho. Dilma Medeiros trabalhou na olaria com seus 11 irmãos, desde tão cedo que nem lembra o quanto. “Desde que me entendo por gente trabalho em olaria”.⁵⁷ Este fato se confunde com muitos outros, como no caso de Arlete: “Nessa época é o que a gente lembra, mas o pai botava a gente trabalhar, a gente não aguentava nem levantar um carrinho de tijolo. Eu acho que eu tinha bem menos, bem menos, quando eu comecei a trabalhar na olaria com o pai,

⁵⁴ SHUSTER, 1997, op. cit., p.03.

⁵⁵ HOMENS recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>. Acesso em: 09 nov. 2013, 13:45.

⁵⁶ ZANELATTO, 2011, op. cit., p.119.

⁵⁷ SHUSTER, 1997, op. cit., p.03.

tinha acho uns sete anos”.⁵⁸

Além de esta ser uma atividade extremamente pesada, que exigia dos adultos grande esforço e desgaste físico, para a criança a mesma se tornava algo penoso, que lhes roubava a infância e os impossibilitava de estudar.

É comprovado que o trabalho infantil é nocivo a criança, pois o mesmo priva esta do acesso a seus direitos, o trabalho impede a criança de estudar e brincar, o trabalho não foi feito para a criança, visto que trabalho é destinado aqueles que possuem formação não só profissional mais também formação física, ou seja, o trabalho é para adultos que já tem seu caráter formado e possui força o suficiente para desempenhar seu papel de trabalhador junto a sociedade.⁵⁹

A pior das características deste serviço não era o do mesmo ser árduo, mas sim o grau de periculosidade que o tornava extremamente arriscado. Se para um adulto treinado, com força física adequada e acostumado com seus afazeres a olaria já era bastante perigosa, para mulheres e crianças então se tornava uma luta diária pela sobrevivência. As rotinas de trabalhos eram duras, exigiam muito de quem as executava, e tudo isso se realizava longe da proteção dos direitos trabalhistas. Arlete descreve sua perigosa rotina na olaria:

Era difícil, bem difícil, tinha aqueles *misturado*, e eles só gritavam, “imbuxou, imbuxou” e a gente corria lá, tinha que bota as mão no meio daqueles dente e empurrar com a mão pra poder desimbuxar, daí saía tudo de vereda, gente nosso serviço era muito perigoso, e o pai nunca teve medo de a gente perder mão, pé nada.⁶⁰

A exploração da mão de obra infantil era confundida com a profissão. Havia uma grande associação do início prematuro destas crianças ao mercado de trabalho, como um sinal de sucesso no seu futuro profissional dentro deste segmento.

As crianças que trabalhavam na olaria, geralmente eram filhas de funcionários da empresa. Este tipo de mão de obra era extremamente lucrativo ao proprietário da cerâmica, pois por serem filhos de funcionários, recebiam um salário baixíssimo que apenas complementava a renda de seus pais. Arlete Sabino conta que seu pai exigia dela e de seu irmão que dessem o exemplo aos outros trabalhadores, tanto em relação ao desempenho de atividades, quanto aos castigos recebidos. “Meu pai era um monstro dentro da olaria, eu e o

⁵⁸ SABINO, Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro Fumaça. Entrevista concedida Gislaiane Beretta. 1 arquivo, mp3 (25 min.).

⁵⁹ NOGUEIRA, Tamires Prestes. **Análise da Exploração do Trabalho Infantil na História**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/direito/artigos/47307/analise-da-exploracao-do-trabalho-infantil-na-historia#ixzz2kr4w5eeP>. Acesso em: 10 nov. 2013, 10:00.

⁶⁰ SABINO, Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro Fumaça. Entrevista concedida Gislaiane Beretta. 1 arquivo, mp3 (25 min.).

Gijo tínhamos que dar o exemplo, quantas vezes a gente apanhou por causa de tijolo que caía, tijolo torto, por causa dos outros.”⁶¹

A mão de obra feminina seguia nesta mesma linha, e tornava-se ainda mais vantajosa à empresa. Isso por que a capacidade produtiva da mulher praticamente se igualava a do homem, e o salário desembolsado era inferior ao do mesmo. Mesmo a mulher desempenhando atividades iguais ou similares as dos homens, o trabalho realizado por elas ainda era taxado como “ajuda” ou complemento. Esta é uma característica da divisão sexual do trabalho, que por sua vez, se manifesta de forma desigual, pois separa em graus de superioridade e inferioridade o trabalho de homens e de mulheres levando ao entendimento que o trabalho de um valha mais do que o de outro.

“Assim, a inserção diferenciada de homens e mulheres têm sua origem e se legitima na divisão sexual do trabalho que, simultaneamente, distingue os trabalhos que são próprios aos papéis de gênero, os hierarquiza e lhes atribui valores diferenciados e estigmatizados”.⁶²

Mesmo executando várias atividades que lhe exigiam grande desdobramento físico, ainda é inegável a opressão que as mesmas viviam. Está relação desigual subordinava a trabalhadora e a sujeitava a dominação do patrão, do marido e até mesmo dos filhos. Isso acentuava a questão do poder concentrado nas mãos masculinas. Eroni Viana relata que seu marido era seu chefe. Que deveria seguir as ordens dadas pelo seu esposo que era muito mais rigoroso e exigente que seu patrão. “O Augusto não era encarregado mas mandava em mim e nos filhos. Ele nos dizia o que fazer e se não fizesse certo dava aquela bronca. O meu patrão não, este era calmo, era boa pessoa”.⁶³

Em todos os casos analisados percebe-se na fala das entrevistadas que a relação com o proprietário da empresa era boa, fato contrário ao descrito a respeito dos encarregados da olaria, que são lembrados com receio e temor. Para Danielli Borges, o trabalho na cerâmica era pesado, mas compensava pois tinha uma boa relação com as pessoas que conviviam e era respeitada por seus patrões. A única reclamação do período em que trabalhou na olaria era a forma em que era tratada pelos supervisores, que a qualquer falha estavam prontos para adverti-lás, sendo por vezes injustiçadas. “ Os encarregados achavam que era nossos donos,

⁶¹ SABINO, Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1. Arquivo, mp3 (25 min.).

⁶² BANDEIRA, Lourdes; PRETURLAN, Renata. As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. In: **CONFERÊNCIA DA IATUR**, 7 a 9 agosto, 2013, Rio de Janeiro.

⁶³ VIANA, Eroni. Depoimento [set. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (35 min.).

mandavam e desmandavam, eu tinha até medo de alguns”.⁶⁴

Outro aspecto analisado ao longo das entrevistas é o fato de algumas trabalhadoras relatarem terem sofrido assédio sexual, por meio dos encarregados e clientes da empresa. Muitos destes homens utilizavam do poder que detinham para aliciarem e até mesmo iludirem estas mulheres com propostas de uma vida melhor. A fala de Maria Ivanir leva a crer que esta prática era muito comum nas olarias:

“Há pouco tempo atrás minha mãe me contou que quando trabalhávamos em Morro da Fumaça, o encarregado da olaria onde a gente trabalhava tentou comprar-me. Ofereceu a meu pai um lote em troca de mim, graças a Deus meu pai recusou, pois não sou mercadoria de troca”.⁶⁵

Ao que parece os abusos sofridos de origem sexual ou não, atestavam a autoridade que determinados funcionários tinham dentro da empresa. Autoridade estava concedida pelo proprietário da olaria, que ao fazer isso preservava sua imagem. Ao que parece um sentimento de conformismo norteava estas trabalhadoras. As mesmas acreditavam que de nada adiantaria informar aos seus patrões ou as autoridades sobre estes acontecimentos. Ambas prezavam por sua permanência na empresa e consideravam que em caso de enfrentamento sua palavra valeria menos do que a do encarregado, por estes motivos preferiam calar-se.

“A gente era simples empregada, que podia ser substituída quando eles quizessem. Tu acha que a gente tinha coragem de falar e arriscar ser mandada embora? Onde é que a gente ia morar, meu pai me mataria”.⁶⁶

Deutsche, colunista do Jornal folha de São Paulo afirma que não existem estatísticas que provêm o número de mulheres que sofram com abuso sexual. “A vergonha, medo de serem culpadas pela agressão, dificuldade de conseguir provas e até mesmo falta de informação são as causas desse silêncio”.⁶⁷ Percebe-se que o silêncio pode ser considerado como uma forma de resistência destas mulheres para garantir a manutenção do emprego e, por conseguinte, do salário necessário a sobrevivência da família. A narrativa de Albertina evidencia o limite em que viviam estas mulheres.

⁶⁴ BORGES, Danielli. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaiane Beretta. 1 arquivo, mp3 (28 min.).

⁶⁵ BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaiane Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.).

⁶⁶ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaiane Beretta. 1 arquivo, mp3 (37 min.).

⁶⁷ DEUTSCHE, Welle da. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/dw/2013/11/1364290-comum-assedio-sexual-no-trabalho-e-pouco-denunciado-no-brasil.shtml>. Acesso em: 11 nov.2013, 16:20.

Além das duras condições de trabalho, o assédio tornava-se uma espécie de medo duplo: perda do emprego e da casa dos pais.

As narrativas analisadas evidenciam uma enorme dependência dessas trabalhadoras à olaria. Este pode ser um dos motivos que explicam a inexistência de reclamações acerca do tratamento recebido pelo proprietário da empresa. Relação que pode ser entendida como paternalista. Além de toda a exploração experimentada por estas trabalhadoras, fica evidente a gratidão conferida ao patrão, reconhecimento atribuído pela residência recebida ou pela aceitação da mão de obra de todos os membros da família. Isto reforçava o sentimento de conformidade e justificava a pouca reclamação acerca do salário que recebiam, salário este inferior ao recebido pelo homem. De acordo com Albertina: “A gente ganhava pouco, bem menos, e trabalhava igual a um homem. Mas o salário dava, era bom por que a gente não pagava aluguel, daí o dinheiro ficava com o pai, pra compra comida pra gente, às vezes sobrava, mas era muito raro”.⁶⁸

O fato de lutar dia a dia, de cumprir duras tarefas, de sujeitar os filhos pequenos ao trabalho pesado, para assim ter onde morar, ter o que comer, caracteriza as estratégias diárias de sobrevivência destas trabalhadoras.

A exploração da mão de obra da trabalhadora pela venda de sua força braçal aliena e não a deixa perceber que estas se incluem em um grupo de vítimas do aproveitamento capitalista. De acordo com Miranda, os conflitos e lutas aparecem a partir do momento que estes trabalhadores percebem que mesmo trabalhando se encontram cada dia mais miseráveis e submissos.⁶⁹

O sindicalismo na cidade de Morro da Fumaça se caracteriza desde a sua constituição como um espaço masculino. Em análise das entrevistas com a qual se trabalhou não há relatos que indicassem a procura de trabalhadoras do setor cerâmico por seus direitos junto aos sindicatos. Algumas, inclusive, desconheciam ou não lembravam da existência do mesmo. Talvez isso tenha acontecido justamente por este ser considerado um espaço de discussão masculina, e pelo próprio segmento na qual representa também ser caracterizado desta forma.

Mesmo não utilizando do sindicado como instrumento de defesa dos direitos,

⁶⁸ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaire Beretta. 1 arquivo, mp3 (37 min.).

⁶⁹ MIRANDA, Camila Maximiliano et al. Disponível em: Movimentos sociais e participação popular: luta pela conquista dos direitos sociais http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n1/15_Movimentos_sociais.pdf. Acesso em: 20 out. 2013, 10:55. p.177

muitas trabalhadoras se utilizaram de outras formas de luta e resistência contra aquilo que consideravam injustiças.

Maria Ivanir narra que na época em que era empregada na olaria, as mulheres tinham de trabalhar de calças compridas. Ela justifica que esta medida não era tomada por virtude de segurança somente, mas pelas esposas dos proprietários sentirem ciúmes das mesmas. Compartilha que no verão era quase insuportável o calor junto aos fornos, e que muitas mulheres passavam mal por este motivo.

Certo dia, as moças que trabalhavam nesta olaria se reuniram e decidiram fazer uma paralisação, na qual obrigasse seus patrões a liberarem o uso de roupas mais curtas. Assim o fizeram, pararam um dia todo, e o patrão assustado se viu obrigado a aceitar as reivindicações.

Eu fico orgulhosa desse fato, pois em nenhuma olaria as mulheres podiam usar bermuda. Ninguém queria se aparecer, a gente só não queria passar tanto calor. Fizemos a revolução, paramos a cerâmica, porque na época tinha muita mulher trabalhando. O meu patrão ficou assustado, conversou com a mulher e deixaram a gente usar bermuda. Nossa foi muito bom, e o melhor é que serviu de exemplo para um monte de cerâmica por aí.⁷⁰

Esta forma de resistência demonstra a importância da mão de obra feminina para o funcionamento da cerâmica. E que se a organização existisse era possível enfrentar as injustiças dentro do seu espaço de trabalho. De acordo com Santos, é se organizando que se abrem meios de discussão e objetivos comuns de lutas ganham força.⁷¹

A relação entre as trabalhadoras da olaria era de companheirismo, isso leva a crer que esta união entre as mesmas, tenha levado a outros tipos de luta por direitos individuais e coletivos. Maria Ivanir menciona:

Teve um dia que eu e as meninas que trabalhavam lá comigo, pegamos o ônibus escondido e fomos pra Criciúma falar com um advogado. A gente queria se fichar; queria receber hora extra. Minha mãe e meu pai não podiam saber que eu tinha ido, eles tinham medo de ir pra rua. A gente foi. Eu ainda era uma menina, olha só, e o advogado nos recebeu mesmo assim. Só sei que no final não deu em nada, não sei se ele tinha alguma coisa a ver com meu patrão, mas sei que mandou avisar que não dava pra fazer o que a gente queria.⁷²

Na fala de Maria Ivanir, percebe-se que existia resistência e interesse por mudanças

⁷⁰ BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.).

⁷¹ SANTOS, Lainy Rose Souza et al. **História de resistência e luta da mulher camponesa em Sergipe**. Disponível em;

http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Santos_LRS.pdf.

Acesso em: 11 nov.2013, 15 horas e 30 minutos, p.07.

⁷² BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine

no que se dizia respeito à valorização do trabalho e dos direitos das jovens trabalhadoras. Mas o que leva a crer é que o poder detido pelo patrão à pouca organização, e o número limitado de adeptos, tenham prejudicado ou reduzido os resultados positivos.

Mesmo vivendo dentro do espaço físico da olaria, estas mulheres não são apenas empregadas, reprodutoras de capital. Possuem família e é no espaço familiar que encontram-se acolhidas; que se relacionam e que elaboram suas estratégias de sobrevivência. É pela sua família que lutam e se sujeitam as condições precárias de trabalho.

3.1 AS MULHERES FORA DO ESPAÇO FABRIL

A necessidade de trabalhar exigiu que muitas mulheres o fizessem desde cedo para complementar a renda familiar. Obrigação esta tão importante, que em muitos casos as impediam de estudar; de se relacionar com pessoas de sua idade; de ter infância.

A maioria dos casos analisados leva a crer que a inserção destas mulheres ao mundo do trabalho começava muito cedo, ainda quando crianças, e se estendiam geralmente até o casamento onde estas se dividiam em dois grupos. Um deles caracterizado pelas trabalhadoras que juntamente com seu esposo se manteriam na olaria, complementando agora a renda de uma nova família. E a outra possibilidade era de que estas mulheres encontrassem no marido a alternativa de partir rumo à novas perspectivas de trabalho e de vida.

No momento em que esta trabalhadora vira mãe, um novo ciclo se inicia. Agora os filhos representam responsabilidade, e habilitam o novo casal a maioridade. De acordo com Sarte, “Os filhos dão a mulher e ao homem um estatuto de maioridade, devendo torná-los responsáveis pelo próprio destino, o que implica idealmente se desvincular da família de origem e constituir novo núcleo familiar”.⁷³

Os filhos eram criados com a possibilidade de tornarem-se uma nova forma de geração de renda. Isso leva a crer que estas mulheres experimentassem de um ciclo já ocupado anteriormente por outras trabalhadoras de sua família, pois neste momento cabe à elas criarem seus filhos, a fim de os ensinarem e os capacitarem para a execução de tarefas dentro da olaria, para que num futuro próximo possam colaborar com sua mão de obra, e com a renda familiar.

A educação dada por estas mães e trabalhadoras se tratava de conhecimento prático.

Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.).

⁷³ A SAGA dos trabalhadores de olaria. **Jornal Vanguarda**. Categoria Geral, 12 fev.2004.

O ensinamento se dava por observação, por troca de experiências. Este tipo de ensinamento, quase empírico, se tornava nestas circunstâncias mais válido do que o que era oferecido pela escola. Este pode ser um motivo que justifique o afastamento destas crianças da educação escolar. Tudo leva a crer que esta era uma prática de vida comum para as famílias oleiras.

Dilma Medeiros descreve as dificuldades de trabalhar desde cedo e a insegurança de um futuro melhor para seus filhos, que assim como ela, iniciaram no mercado de trabalho ainda crianças.

Na água fria do tanque, onde lava a roupa dos filhos pequenos ela recorda que estudou até a quarta série primária. Aos 12 anos ganhou o primeiro filho, na idade quando a maioria das crianças esta aproveitando a escola e têm poucas responsabilidades, ela dava adeus definitivo a sua infância. Hoje Dilma lamenta a pobreza que herdou da mãe e sabe que não vai poder garantir um futuro melhor para os filhos.⁷⁴

Mesmo por estas mulheres estarem constituindo família, tornando-se gestoras e responsáveis pela organização do seu lar, não lhes é extinguida a obrigação de trabalhar na olaria junto a seu esposo para garantir o sustento de sua família. Na verdade isso torna-se ainda mais necessário, pois é neste momento em que a fragilidade financeira se acentua. Arlete explica que “Quando é só a gente é tranquilo, se não tem o que comer se dá um jeito. Agora com filho, é complicado tem que se virar em dez, pra não deixar faltar nada em casa. A gente acaba pensando somente nos filhos e não na gente”.⁷⁵

Este aspecto realça e evidencia a sobrecarga de responsabilidades levadas pelas mulheres em relação aos homens. A elas era designada a dupla jornada de trabalho, onde a responsabilidade pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos se misturava com suas atividades econômicas desenvolvidas dentro do espaço fabril. Segundo Bandeira e Preturlan, “quando somadas as jornadas, o tempo total destinado ao trabalho dentro e fora da casa é sempre maior para as mulheres”.⁷⁶ Eroni Viana descreve a grande dificuldade em conciliar suas atividades de casa e do trabalho e em meio a isso criar seus filhos e educá-los.

Não era fácil, hoje em dia tem creche, escola. Na minha época eu trabalhava o dia inteiro na olaria, com os filhos tudo ao redor, os que ainda não podiam trabalhar ficavam brincando aos meus pés. Chegava em casa, tinha tudo pra fazer, lavava a roupa no rio, era difícil demais. O marido não ajudava não, acho que pensava que ia ser menos homem se fizesse isso.⁷⁷

⁷⁴ SHUSTER, 1997, op. cit., p.03.

⁷⁵ SABINO, Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1. Arquivo, mp3 (25 min.).

⁷⁶ BANDEIRA; PRETURLAN, 2013, op. cit.

⁷⁷ VIANA, Eroni. Depoimento [set. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3

A trabalhadora de olaria, assim como qualquer outra, tem sua vida regida pelos horários de trabalho. Esta operária em especial, mantinha suas relações sociais e cotidianas dentro do espaço do seu ofício, ou seja, é neste ambiente que se relacionavam, e que vivenciavam suas particularidades. Tendo em vista isso, supõe-se que por residirem no local do seu emprego, estas trabalhadoras estariam sujeitas aos mandos do seu patrão, que neste caso também é seu senhorio, no horário de seu trabalho e fora dele. Caso confirmado por Albertina,

“Não tínhamos hora para trabalhar, às vezes chegava caminhão de madrugada, e eles só batiam na porta, podia tá chovendo, a gente podia já estar dormindo que tínhamos que ir, e pra ganhar o que? As vezes nada, as vezes umas moedinhas, umas gorjetas”.⁷⁸

Ao se lembrar que estas trabalhadoras, também possuem uma vida social, que possuem filhos e marido, pode-se levar em consideração a forma como estas relações aconteciam. A forma como estas famílias se relacionavam obedeciam a particularidade de cada uma, mas em análise as entrevistas constam que estas mulheres seguiam uma linha de submissão mesmo quando em muitos casos houvesse a resistência. Estas trabalhadoras se encontravam subordinadas ao patrão, ao esposo e também aos filhos. Arlete comenta que na sua casa seu pai e seus irmãos detinham a autoridade; em sequência sua mãe e por último as filhas mulheres. “A palavra do meu pai era ordem, tanto nós quanto a mãe sabíamos disso e ficávamos calados”.⁷⁹

Percebeu-se que estas trabalhadoras tinham pouca autonomia dentro da empresa onde trabalhavam e no interior do seu lar. Em ambos os lugares a forma de estruturação e de organização as rebaixa a níveis inferiores de hierarquia. Isso não diminuía sua importância dentro de casa, pois geralmente a mulher era a responsável pela união e bem-estar familiar.

Segundo Zanelatto, era a mulher quem enfrentava a posição de desigualdade e as desvantagens que ela e sua família tinham, ao acesso aos bens e serviços oferecidos socialmente.⁸⁰

As casas concedidas pela empresa eram simples, sem o mínimo conforto. Tudo leva a crer que competia à estas mulheres as atividades externas, ações responsáveis pela

(35 min.).

⁷⁸ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1 arquivo, mp3. (37 min.).

⁷⁹ SABINO, Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1. Arquivo, mp3 (25 min.).

⁸⁰ ZANELATTO, 2011, op. cit., p.77.

manutenção da casa, como idas ao supermercado, pagamento de contas, entre outras obrigações. A elas cabia enfrentar às dificuldades de administrar o baixo salário recebido por sua família, dividindo-o entre as despesas e obrigações.

Percebeu-se nas narrativas, que o salário recebido muitas vezes não era suficiente para cobrir as despesas da casa. Esta situação isolava e excluía estas famílias de muitos lugares, impedindo sua participação em alguns espaços ou eventos sociais. Fato confirmado na narrativa do Senhor Neném: “esse salário vagabundo não dá pra viver né. Da só pra comer, mali, mali. O cara nem pode sair de casa , porque não tem uma roupa boa, um tênis [...] nada”⁸¹

O novo modo de viver que tirou simples trabalhadores rurais e pescadores, de seus afazeres habituais e os fez migrarem para cidade, para trabalhar nas olarias, trouxe consigo novos valores. Estas pessoas inseriram-se em uma esfera onde o dinheiro, a aparência e o consumo são indispensáveis. Esta característica ligada às condições econômicas vivenciadas por estas famílias, pode explicar o isolamento social vivido pelas mesmas. Isolamento causado justamente por agora estas famílias estarem inseridas em um contexto social onde o dinheiro e o *status* identificam quem você é e quais lugares pode frequentar. A condição econômica na qual estes trabalhadores estavam inseridos os definia e os desqualificava.

Ao que se percebeu alguns lugares eram considerados inacessíveis à estas trabalhadoras. Não que houvesse restrição explícita quanto à sua participação ou acesso, mas as mesmas não se sentiam a vontade em locais onde houvesse ostentação e aonde suas condições de vida fossem julgadas. Tais locais como já mencionado, eram externados valores banais, onde a aparência diminuía ou exaltava a pessoa. Lugares estes como festas, eventos sociais, ou simples desfiles cívicos. Quaisquer destes locais podiam causar-lhe receio, pois ali a exposição de suas imagens estaria acessível ao julgamento da sociedade.

Os seus momentos de envolvimento e tranquilidade aconteciam nos finais de semana, geralmente no domingo quando a família toda se reunia para ir à igreja. Fato citado por Eroni:

“O único lugar que eu ia era na igreja, tinha vergonha de ir em outros lugares, não tinha roupa nem sapato, e as pessoas na fumaça gostam de se aparecer. Minhas filhas iam na domingueira que tinha no Imbira, iam por que a vida não é só trabalhar”.⁸²

⁸¹ BORBA, Neném. Depoimento (1996). In: ZANELATTO, João Henrique. **Homens de Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha**. São Paulo: Baraúna, 2011. p. 80

⁸² A SAGA dos trabalhadores de olaria. **Jornal Vanguarda**. Categoria Geral, 12 fev.2004.

Existiam outras opções de entretenimento, são eles: os bailes e a televisão, para as famílias que a possuísem. Os bailes geralmente uma alternativa para as solteiras, proporcionavam-lhes momentos de descontração e divertimento, e eram nestas poucas horas semanais que estas mulheres esqueciam seus afazeres e experimentavam novas realidades.

Conforme Abertina, “a gente esperava pelo baile a semana inteira, era a melhor parte da semana. Só tinha um shortinho pra usar, ia todo domingo com ele, era nessas horas que eu esquecia os problemas, era muito bom, disso eu tenho saudades”.⁸³

São nestes momentos de descontração que as amizades se fortalecem. A relação entre as mulheres que moram e trabalham na olaria se estreita nestes poucos momentos de lazer. Tanto para as casadas, que encontram nas companheiras alguém para desabafar suas frustrações e dividir suas alegrias, quanto para as solteiras que tinham nas colegas a segurança para suas confidências e a companhia para suas festividades.

A televisão se tornou outro mecanismo que possibilitava a estas mulheres o acesso a novas culturas e a informação. Mesmo estando consolidando e legitimando ideais capitalistas e dominantes, a televisão apresentava a trabalhadora um novo estilo de vida, e era através da tela da TV que estas mulheres se concediam momentos para sonhar. Idealizavam através dos programas e novelas a vida que sonhavam, a casa que desejavam. Este aparelho tornou-se bastante comum entre as casas dos moradores das olarias, e normalmente após um cansativo período de trabalho, eram acompanhados pela televisão que terminavam o seu dia. “Trabalhei na olaria por muito tempo, por que realmente precisei fazê. Hoje dou graças a Deus que consegui realizar meus sonhos, pra olaria não volto nunca mais”.⁸⁴

Os sonhos são experiências do inconsciente, da imaginação. É no sonho que cria-se o ideal de felicidade, mesmo quando esta torna-se uma utopia. Para estas trabalhadoras o sonho com um futuro feliz, onde a necessidade passe longe de suas realidades e onde a casa própria torne-se algo realisticamente palpável, as faz quebrarem paradigmas e assumirem papéis considerados masculinos no difícil mundo do trabalho oleiro.

⁸³ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1 arquivo, mp3. (37 min.).

⁸⁴ ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaïne Beretta. 1 arquivo, mp3. (37 min.).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira contínua na qual a força de trabalho feminina vem sendo incorporada acompanha na maioria das vezes empregos precários, informais e de baixa remuneração. É neste cenário de precariedade e exploração, que as mulheres estão inseridas nas olarias da cidade de Morro da Fumaça – SC. Segmento este que proporcionou a esta cidade novas perspectivas econômicas e sociais.

Esta pesquisa buscou explicar a forma como eram mantidas as relações de trabalho e o cotidiano das trabalhadoras nas olarias de Morro da Fumaça no período que vai da década de 1970 ao ano de 2010, evidenciando relações de poder e resistência dentro e fora deste espaço. Procurou-se tratar estas mulheres como geradoras de suas próprias histórias e para que isso fosse possível, foi preciso divergir da historiografia já produzida que privilegiava abordagens positivistas. A história oral foi utilizada como umas das principais fontes de pesquisa, tornando-se necessária a sistematização das lembranças das trabalhadoras entrevistadas a fim de torná-las materiais de estudo.

A intenção deste escrito não é a de vitimar a mulher, pois a própria história tratou de fazê-la por muito tempo, dando a estas o papel de coadjuvantes, resignadas e oprimidas. O objetivo principal desta pesquisa foi de traçar novas propostas de como se escrever história, que não segregue ou subjugué as trabalhadoras, considerando as semelhanças e individualidades de cada uma.

Com esta pesquisa, tornou-se possível perceber que dentro da bibliografia produzida sobre Morro da Fumaça, em especial aquelas que fazem alguma alusão ao setor cerâmico, a trabalhadora deste segmento não recebe qualquer visibilidade. O diálogo feito com a bibliografia do município, com fontes orais e com a literatura de gênero, proporcionou dar voz a estas trabalhadoras, até então silenciadas historicamente.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. **A situação da mulher latino-americana. O mercado de trabalho no contexto da reestruturação. Mulher e Trabalho Experiências de ação afirmativa.** S.P: Boitempo Editorial, abril de 2000.

A SAGA dos trabalhadores de olaria. **Jornal Vanguarda.** Categoria Geral, 12 fev.2004.

BANDEIRA, Lourdes; PRETURLAN, Renata. **As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil.** In: CONFERÊNCIA DA IATUR, 7 a 9 agosto, 2013, Rio de Janeiro.

BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e sua Divina e Humana Comédia.** Tubarão: Coan, 1993.

CECHINEL, Renato; TRICHÊS, Janete. As oligarquias dos partidos políticos de Morro da Fumaça: 1980 a 2010. **Amicus Curiae**, v.7, 2010.

COSTA, Lúcia Cortes da. **Gênero: uma questão feminina.** Disponível em: <http://www.uepg.br/nupes/genero.htm>. Acesso em: 29 out.2013, 15:30.

CUNHA, Yasmine Moura da. **Aspectos da paisagem oleira de Morro da Fumaça (SC) Florianópolis.** Florianópolis. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

D'AQUINO, Terezinha. **Do Barro ao pó: estudos sobre tecnologia, processo de trabalho e saúde ocupacional nas olarias.** Marília, SP: UNESP, 1989.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE . **A situação do Trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000.** São Paulo: Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, 2012.

DEUTSCHE, Welle da. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/dw/2013/11/1364290-comum-assedio-sexual-no-trabalho-e-pouco-denunciado-no-brasil.shtml>. Acesso em: 11 nov.2013, 16:20.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA – FIESC. **Santa Catarina em dados 2010.** Florianópolis, 2010. (v.20)

GOMES, Ambrósio Gisele. **História, Mulher e Gênero.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf>. Acesso em: 10 out.2013.

HOMENS recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>. Acesso em: 09 nov. 2013, 13:45.

SILVA, Ederluiza. **Livro sobre Morro da Fumaça é voltado a Educação.**

Disponível em: http://ederluizasilva.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html. Acesso em: 11 out.2013 14:50.

JANOTTI, Maria L. M. Refletindo sobre a história oral: procedimentos e possibilidades. In: _____. **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p.60.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LODI, Odete. A mulher e as relações de trabalho. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v.5, n.9, p. 149-160, 2. sem., 2006.

MACCARI, Idê Maria Salvan. **Morro da Fumaça: Passado e Presente**. Morro da Fumaça: Editora Soller Indústria Gráfica Ltda . 2005.

MATOS, Vanessa Cristina Santos. Um estudo histórico das relações de gênero e classe. **Saber Acadêmico**, n.07, jun.2009.

MIRANDA, Camila Maximiliano et al. Disponível em: **Movimentos sociais e participação popular: luta pela conquista dos direitos sociais**
http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n1/15_Movimentos_sociais.pdf.
Acesso em: 20 out. 2013, 10:55. p.177

MOTTA, Silvia Francisco. **A fotografia como material histórico: As imagens do município de Morro da Fumaça**. Criciúma. 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

NETTO CANCELLIER, Fellipe. **A cerâmica vermelha e os impactos econômicos e sociais ao município de Morro da Fumaça**. Criciúma. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense.

NOGUEIRA, Tamires Prestes. **Análise da Exploração do Trabalho Infantil na História**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/direito/artigos/47307/analise-da-exploracao-do-trabalho-infantil-na-historia#ixzz2kr4w5eeP>. Acesso em: 10 nov. 2013, 10:00.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em 05 out. 2013, 10:20. SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

SANTOS, Ariovaldo. **Migração e força de trabalho: notas para debate**. Disponível em: http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA72/Pegada7n2_20061Ari.pdf. Acesso em: 17 out. 2013, p.18.

SANTOS, Lainy Rose Souza et al. **História de resistência e luta da mulher camponesa em Sergipe**. Disponível em;
http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Santos_LRS.pdf. Acesso em: 11 nov.2013, 15 horas e 30 minutos, p.07.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**. Campinas: Editora Autores Associados,

1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 10 out. 2013, 15:20.

SHUSTER, Ana Sofia. Falta de condições é o maior problema nas olarias da região. **Jornal da Manhã**, 07 jul.1997. p. 03.

SHUSTER, Ana Sofia. Trabalho infantil reacende polêmica. **Jornal da Manhã**, 07 jul.1997. p. 03.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47>. Acesso em: 01 jul. 2013.

VILLAR, Vladien dos Santos. **Perfil e Perspectivas da Indústria Cerâmica Vermelha do Sul de Santa Catarina**. Florianópolis. 1988. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

ZANELATTO, João Henrique. **Homens de Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha**. São Paulo: Baraúna, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

BERETTA, Maria Ivanir da Silva. Depoimento [set. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (49 min.).

BORBA, Neném. Depoimento (1996). In: ZANELATTO, João Henrique. **Homens de Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha**. São Paulo: Baraúna, 2011. p. 80

BORGES, Danielli. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (28 min.).

OENING, Tiago. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (14 min.).

SABINO. Arlete. Depoimento [out. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo mp3 (25 min.).

VIANA, Eroni. Depoimento [set. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (35 min.).

VIANA, Eroni. Depoimento [set. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3 (35 min.).

ZANELATTO, Albertina. Depoimento [set. 2013]. Entrevista concedida a Gislaine Beretta. 1 arquivo, mp3. (37 min.).

